

ANNO 1º

O PHILARTISTA

Nº 7

MAO SEI

VALSA

Por
ALFREDO GAMA

(ESTUDANTE DE DIREITO)

S-I-21

COLEÇÃO
C. Guerra Peixe

AO AMIGO FREDERICO CHAVES
NÃO SEI..

A. GAMA.

VALSA



142978/73.1989D

Handwritten signature

ASSIGNATURAS

Para a capital e suburbios 1\$000
 Para o interior e provincias 1\$050

REDACÇÃO

Rua Direita, n. 3, 1.º andar.

O PHILARTISTA

19 de Dezembro de 1888.

Publica hoje o *Philartista* o seu 7.º numero e o benevolô acolhimento que tem recebido do publico' está capital faz com que elle tenha confiança em um futuro largo e prospero.

Não é a nós que cumpre dizel o; mas é forçoso que o digamos: — o *Philartista* veio preencher um claro muito sensível do nosso jornalismo e se o não tem feito com aquella sufficiencia que é para desejar-se, resta-lhe ao menos a consciencia de ter feito e de continuar a fazer o que pode em um *meio difficil* como é nosso, graças a innumerô circumstancias, que não convem discutir agora.

O que é a *Revista* para o mundo litterario, é o *Philartista* para o mundo musical.

Uma *Revista* é um repositório de produções escolhidas dos melhores talentos, que, na maioria dos casos não podem dar publicidade as suas locubrções por sua conta propria, o que por isso mesmo, ainda mais eleva o merito das publicações d' este genero: é isto o *Philartista* egualmente: um repositório das mais lindas composições dos nossos melhores talentos musicaes, postas em circulação com uma tal ou qual facilidade de metos.

Muito merito que n'hi passa esquecido e morre atropilhado por não poder reagir' contra as difficuldades da publicação de seus trabalhos encontra no *Philartista* a possibilidade de escapar a este desanimo, a esta atropilha.

Por sua vez os assignantes conseguem formar de um modo suave e por pouco preço um repositório escolhido em sua materia' original, por assim dizer.

Bem quizeramos elevar o nosso modesto *Philartista* á altura brilhante da *Gazeta Musical* de Lisboa; mas, não pouparemos esforços e contamos com o auxilio do publico e principalmente dos amadores e artistas; porque, assim, prestamos tambem os nossos serviços á Arte.

Damos hoje aos nossos assignantes a linda walsa "NAO SEI," producção até hoje inédita do talentoso moço Alfredo Gama e a boa acção que vae ter constituirá o seu maior elogio.

Encetmos; mas talvez vençamos um dia, fazendo com que volte á musica em nos sua provincia os bellos tempos de Cantuária e outros inspirados filhos da sua escola.

ADEUS

Quem já não sentio por n'hi as agruras dum momento de despedida, quando os labios se recusam fallar, quando os olhos cheios d'agua fitam com insistencia o ser amado que se vai; e a vista se alonga pela estrada, como a querer seguil-o até além, amquanto o coração esta dentro do peito, n'uma dor indefinida!

Foi assim que eu me despedi! Os olhos

souberam se conservar enxutos, mas as lagrimas recolhidas foram cair no coração como carvões accessos. Um adeus tremulado e quasi imperceptivel, um poema de dor e de saudade, uma eternidade em um segundo, e depois . . . depois as recordações do passado a me vendirem tumultuariamente ao cerebro os momentos de doce intimidade passados no aconechego de almas irmãs, as lembranças de castellos azues edificados com minaretes dourados e largas janellas rasgadas para o ceu, para o infinito! E la dentro a morar a minha felicidade, a minha esperança, o meu amor!

E' por isso que, se eu fecho os olhos aqui, neste ermo em que vim mergulhar-me para descaçar da vida cansada e exterminante dos meos avilizados, a alma parece me sahir do corpo, voar e voltar depois, trazendo sob suas azas protectoras as recordações d'aquellas horas suaves e me passa pela mente todo o meu passado . . .

E vejo a toda vestida de negro, pallida com aquella pallidez quasi morbida que tanto lhe realça as feições finas e delicadas, com os seus seismares perpetuos a lhe onsumbrar a fronte eburnea; e eu sinto ainda, por um effeito de imaginação, soar-me nos ouvidos a sua ultima palavra dolente e sentida: adeus!

Dezembro 2.

L. F.

ANGU' POETICO

(Depois da leitura de um livro de versos recitados)

Em outro tempo eu dizia,
 Foi antes de oitenta e sete . . .
 No braho da poesia
 Em sou de certo *valet*.

E por isto todo o dia,
 N'um enorme *comp de tela*,
 Em rimar Lia e Maria,
 Eu era mesmo um *cacete*!

Depois . . . julguei-me peixote:
 Por isso nem mais um motte
 De minha penna hoje pinga;

E' que eu vejo o caso estranho,
 Com pasmo grande, tamanho,
 Que o já poeta um . . . *coringa*!

Mão 87,

Sylvano Salles.

MA'!

Tens olhos puros, serenos,
 Negros, rasgados e bellos,
 Ai! teus olhos,

Concede-ma luz ao meos,
 Que elles tem, — os meus anhelos,
 E que me salvam de escolhos.

Mas tu, ás vezes, se passas,
 Tens o olhar pelas planuras.

Lá dos ceus
 Não olhas . . . e despedaças
 Em meu peito as crenças puras
 Vestidas de azuleos ceus!

Laura da Fonseca.

Para o 8.º numero uma composição por M. Cleto.